

# ÍNDICE

LEI DO DIREITO AUTORAL  
Todos os direitos reservados e protegidos  
pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
transmitido sem que sejam fornecidos os meios  
empresariais eletrónicos, mecânicos,  
fotográficos ou quaisquer outros.

11

|                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| <i>Nota prévia</i> .....             |  |
| <i>Prefácio: «Este Campos»</i> ..... |  |

## POEMAS

### O POETA DECADENTE (1913-1914)

|  |    |
|--|----|
| 1. «Tão pouco heráldica a vida!» .....               | 49 |
| 2. VIAGEM .....                                      | 50 |
| 3. «Lentidão dos vapores pelo mar...» .....          | 52 |
| 4. TRÊS SONETOS .....                                | 56 |
| I. «Quando olho para mim não me percebo.» .....      | 56 |
| II. «A Praça da Figueira de manhã,» .....            | 57 |
| III. «Olha, Daisy, quando eu morrer tu hás de» ..... | 59 |
| 5. OPIÁRIO .....                                     | 67 |
| 6. CARNAVAL .....                                    | 67 |
| a. «A vida é uma tremenda bebedeira.» .....          | 70 |
| b. «É Carnaval, e estão as ruas cheias» .....        | 71 |
| c. «□ não tenho compartimentos estanques» .....      | 73 |
| d. «Aquela falsa e triste semelhança» .....          | 75 |
| 7. BARROW-ON-FURNESS .....                           | 75 |
| I. «Sou vil, sou reles, como toda a gente,» .....    | 75 |
| II. «Deuses, forças, almas de ciência ou fé,» .....  | 76 |
| III. «Corre, raio de rio, e leva ao mar» .....       | 77 |
| IV. «Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,» .....    | 77 |
| V. «Há quanto tempo, Portugal, há quanto» .....      | 78 |

O ENGENHEIRO SENSACIONISTA (1914-1922)

|   |     |
|---|-----|
| 8. ODE TRIUNFAL .....   | 81  |
| 9. DOIS EXCERTOS DE ODES .....  | 91  |
| I. «Vem, Noite antiquíssima e idêntica,» .....  | 91  |
| II. «Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes<br>nas grandes cidades,» ..... | 91  |
| 10. «Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,» ..                        | 97  |
| 11. «Tudo se funde no movimento» .....  | 99  |
| 12. «Chove muito, chove excessivamente...» .....  | 100 |
| 13. «O melodioso sistema do Universo,» .....  | 101 |
| 14. «Os mortos! Que prodigiosamente» .....  | 102 |
| 15. «Ah, os primeiros minutos nos cafés de novas cidades!» ...                            | 104 |
| 16. «Através do ruído do café cheio de gente» .....                                       | 105 |
| 17. «Mas mesmo assim, de repente, mas devagar, devagar,» ...                              | 106 |
| 18. ODE MARÍTIMA .....  | 107 |
| 19. A FERNANDO PESSOA .....   | 143 |
| 20. MANIFESTO DE ÁLVARO DE CAMPOS .....   | 144 |
| 21. «Arre, que tanto é muito pouco!» .....  | 145 |
| 22. «Ora porra!» .....  | 146 |
| 23. ODE MARCIAL .....   | 147 |
| a. «Clarins na noite,» .....  | 147 |
| b. $\sigma \square h$ .....   | 148 |
| c. «Hela hoho, helahoho!» .....   | 152 |
| d. «A Guerra!» .....  | 153 |
| e. «Barcos pesados vindo para as melancólicas sombras» ...                                | 154 |
| f. «As mortes, o ruído, as violações, o sangue, o brilho das<br>baionetas...» .....       | 155 |
| g. «Inúmero rio sem água – só gente e coisas,» .....                                      | 155 |
| h. «Que imperador tem o direito.» .....   | 157 |

|   |     |
|---|-----|
| i. «Por aqueles, minha mãe, que morreram, que caíram na batalha...» . . . . . | 158 |
| j. «Ai de ti, ai de ti, ai de nós!» . . . . .                                 | 159 |
| 24. SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN . . . . .   | 161 |
| a. «Portugal-Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze...» . . . . . | 161 |
| b. «Porta pra tudo!» . . . . .  | 166 |
| c. «Hé-lá que eu vou chamar» . . . . .  | 168 |
| d. «Por isso é a ti que endereço» . . . . .                                   | 169 |
| e. «Numa grande marche aux flambeaux-todas-as-cidades-da-Europa,» . . . . .   | 172 |
| f. «Onde não sou o primeiro, prefiro não ser nada, não estar lá,» . . . . .   | 173 |
| g. «Um comboio de criança movido a corda, puxado a cordel» . . . . .          | 175 |
| h. «Heia? Heia o quê e porquê?» . . . . .                                     | 175 |
| i. «Heia o quê? Heia porquê? Heia pra onde?» . . . . .                        | 178 |
| j. «A expressão, aborto abandonado» . . . . .                                 | 179 |
| l. «Para saudar-te» . . . . .   | 180 |
| m. «Abram falência à nossa vitalidade!» . . . . .                             | 180 |
| n. «Choro como a criança a quem falta a lua perto,» . . . . .                 | 181 |
| o. «Minha oração-cavalgada!» . . . . .  | 181 |
| p. «Abram todas as portas!» . . . . .   | 182 |
| q. «Para cantar-te,» . . . . .  | 183 |
| r. «O verdadeiro poema moderno é a vida sem poemas,» . . . . .                | 184 |
| s. «No meu verso canto comboios, canto automóveis, canto vapores.» . . . .    | 184 |
| t. «Futilidade, irrealdade, □ estática de toda a arte,» . . . . .             | 185 |
| u. «Paro, escuto, reconheço-me!» . . . . .                                    | 188 |
| 25. «Dá-nos a Tua paz,» . . . . .   | 189 |

LEI DO DIREITO AUTÓRICO  
 Todos os direitos reservados e protegidos  
 pela Lei 9.610/1998.  
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
 transmitido sem a autorização dos seus  
 empregados, editores, mecânicos,  
 fotógrafos ou quaisquer outros.

|  |     |
|--|-----|
| 26. A PASSAGEM DAS HORAS . . . . .   | 191 |
| a. «Sentir tudo de todas as maneiras,» . . . . .                             | 191 |
| b. «Sentir tudo de todas as maneiras,» . . . . .                             | 196 |
| c. «Trago dentro do meu coração,» . . . . .                                  | 205 |
| d. «Viro todos os dias todas as esquinas de todas as ruas,» . . . . .        | 210 |
| e. «Clarim claro da manhã ao fundo» . . . . .                                | 211 |
| f. «Estatele-me ao comprido em toda a vida» . . . . .                        | 213 |
| g. «Passo adiante, nada me toca; sou estrangeiro.» . . . .                   | 214 |
| 27. A PARTIDA . . . . .  | 216 |
| a. «Agora que os dedos da Morte à volta da minha garganta.» . . . .          | 216 |
| b. «Ave atque vale, ó assombroso universo!» . . . . .                        | 217 |
| c. «E eu o complexo, eu o numeroso,» . . . . .                               | 219 |
| d. «E quando o leito estiver quase ao pé do teto» . . . . .                  | 221 |
| e. «A morte – esse pior que tem por força que acontecer;» . . . . .          | 222 |
| f. «Entremos na morte com alegria! Caramba» . . . . .                        | 223 |
| g. «Todos julgamos que seremos vivos depois de mortos.» . . . .              | 224 |
| h. «Quando for a Grande Partida,» . . . . .                                  | 225 |
| i. «Da casa do monte, símbolo eterno e perfeito,» . . . . .                  | 226 |
| j. «Não há abismos!» . . . . .   | 227 |
| l. I. «Eu cantarei,» . . . . .   | 229 |
| II. «Perto da minha porta» . . . . .   | 229 |
| m. «E se todos ligam tão pouca importância à morte, nem conseguem» . . . . . | 230 |
| n. «Meu amor perdido, não te choro mais, que eu não te perdi!» . . . . .     | 232 |
| o. «Grande libertador,» . . . . .  | 233 |
| p. «Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,» . . . . .          | 234 |
| q. «Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados» . . . . .         | 234 |
| 28. «Minha imaginação é um Arco de Triunfo.» . . . .                         | 235 |
| 29. I. «Com as malas feitas e tudo a bordo» . . . . .                        | 238 |
| IV. «Profunda e religiosa solidão do indefinido Universo,» . . . . .         | 242 |

|   |     |
|---|-----|
| 30. «Meu cérebro fotográfico...» .....  | 243 |
| 31. «Foi numa das minhas viagens...» .....                                      | 245 |
| 32. «Ah, estranha vida a de bordo! Cada novo dia» .....                         | 247 |
| 33. EPISÓDIOS .....   | 248 |
| 34. «Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.» .....                        | 251 |
| 35. OS EMIGRADOS .....  | 256 |
| 36. «Uma vontade física de comer o universo» .....                              | 257 |
| 37. «E eu era parte de toda a gente que partia,» .....                          | 258 |
| 38. «Toda a gente é interessante se a gente souber ver toda a<br>gente.» .....  | 259 |
| 39. «Ah, as horas indecisas em que a minha vida parece de um<br>outro...» ..... | 260 |
| 40. «O ter deveres, que prolixa coisa!» .....                                   | 261 |
| 41. POEMA EM LINHA RETA .....   | 262 |
| 42. «Vou atirar uma bomba ao destino.» .....                                    | 264 |
| 43. «Duas horas e meia da madrugada. Acordo e adormeço.» ..                     | 265 |
| 44. «O conto antigo da Gata Borracheira,» .....                                 | 266 |
| 45. «Ah, sempre me contentou que a plebe se divertisse.» .....                  | 267 |
| 46. «Ah quem tivesse a força para desertar deveras!» .....                      | 268 |
| <br>  |     |
| O ENGENHEIRO METAFÍSICO (1923-1930)   |     |
| 47. LISBON REVISITED (1923) .....   | 271 |
| 48. PASSAGEM DAS HORAS .....  | 273 |
| 49. «Encostei-me para trás na cadeira do convés e fechei os<br>olhos,» .....    | 275 |
| 50. «Vai pelo cais um bulício de chegada próxima,» .....                        | 277 |
| 51. «Mas eu, em cuja alma se refletem» .....                                    | 278 |
| 52. «Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem<br>passo,» .....       | 279 |

|  |     |
|--|-----|
| 53. «O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual...» . . .                                 | 280 |
| 54. «O que é haver ser, o que é haver seres, o que é haver coisas,» . .                              | 282 |
| 55. «O horror e o mistério de haver ser,» . . . . .  | 283 |
| 56. «Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,» . . . . .                                  | 284 |
| 57. «Cristãos, pagãos, maometanos, □» . . . . .  | 287 |
| 58. «O descalabro a ócio e estrelas...» . . . . .  | 288 |
| 59. «Mas não é só o cadáver» . . . . .   | 290 |
| 60. «O dia está a intentar raiar. As estrelas cosmopolitas» . . . . .                                | 291 |
| 61. «Quando nos iremos, ah quando iremos de aqui?» . . . . .   | 292 |
| 62. «Ver as coisas até ao fundo...» . . . . .  | 295 |
| 63. «Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do agiota!» .                                 | 296 |
| 64. «Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa» . . . .                                     | 297 |
| 65. LISBON REVISITED (1926) . . . . .  | 300 |
| 66. «A coisa estranha e muda em todo o corpo,» . . . . .   | 303 |
| 67. «Se te queres matar, porque não te queres matar?» . . . . .                                      | 304 |
| 68. «Faróis distantes,» . . . . .  | 308 |
| 69. «O florir do encontro casual» . . . . .  | 309 |
| 70. ODE MORTAL . . . . .   | 310 |
| 71. «Nas praças vindouras – talvez as mesmas que as nossas –» . . .                                  | 314 |
| 72. «Ai, Margarida,» . . . . .   | 316 |
| 73. «O frio especial das manhãs de viagem,» . . . . .  | 318 |
| 74. «Perdi a esperança como uma carteira vazia...» . . . . .   | 319 |
| 75. TABACARIA . . . . .  | 320 |
| 76. «Quase sem querer (se o soubéssemos!) os grandes homens<br>saindo dos homens vulgares» . . . . . | 327 |
| 77. GAZETILHA . . . . .  | 328 |
| 78. «No conflito escuro e besta» . . . . .   | 329 |
| 79. ESCRITO NUM LIVRO ABANDONADO EM VIAGEM . . . . .   | 330 |
| 80. APOSTILA . . . . .   | 331 |
| 81. DEMOGORGON . . . . .   | 334 |
| 82. ADIAMENTO . . . . .  | 335 |

|   |     |
|---|-----|
| 83. «Mestre, meu mestre querido!» .....                               | 337 |
| 84. «Às vezes medito,» .....  | 340 |
| 85. NA ÚLTIMA PÁGINA DE UMA ANTOLOGIA NOVA ..                         | 342 |
| 86. «No ocaso, sobre Lisboa, no tédio dos dias que passam,» . . .     | 343 |
| 87. «Na noite terrível, substância natural de todas as noites,» . . . | 344 |
| 88. NUVENS .....  | 346 |
| 89. «Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,» .....           | 348 |
| 90. NOTURNO DE DIA .....  | 351 |
| 91. «THE TIMES» .....   | 352 |
| 92. CANÇÃO À INGLESA .....  | 353 |
| 93. «Não tenho sinceridade nenhuma que te dar.» .....                 | 354 |
| 94. «Ora até que enfim..., perfeitamente...» .....                    | 355 |
| 95. «O soslaio do operário estúpido para o engenheiro doido →» . .    | 357 |
| 96. APONTAMENTO .....   | 358 |
| 97. «Talvez não seja mais do que o meu sonho...» .....                | 360 |
| 98. INSÓNIA .....   | 361 |
| 99. «O sorriso triste do ante-dia que começou» .....                  | 364 |
| 100. ACASO .....  | 365 |
| 101. «Ah, abram-me outra realidade!» .....                            | 367 |
| 102. MARINETTI, ACADÉMICO .....                                       | 368 |
| 103. «A luz crua do estio prematuro» .....                            | 369 |
| 104. «Meu coração, mistério batido pelas lonas dos ventos...» . . .   | 370 |
| 105. QUASI .....  | 371 |
| 106. «Não ter deveres, nem horas certas, nem realidades...» . . .     | 373 |
| 107. «Ah a frescura na face de não cumprir um dever!» .....           | 374 |
| 108. POEMA DE CANÇÃO SOBRE A ESPERANÇA .....                          | 375 |
| I. «Dá-me lírios, lírios,» .....                                      | 375 |
| II. «Usas um vestido» .....   | 376 |
| 109. «Já sei: alguém disse a verdade...» .....                        | 378 |
| 110. «Não se preocupem comigo: também tenho a verdade.» . .           | 379 |
| 111. «Ah, no terrível silêncio do quarto» .....                       | 380 |

|   |     |
|---|-----|
| 112. «E eu que estou bêbado de toda a injustiça do mundo...» ..             | 381 |
| 113. DILUENTE .....   | 383 |
| 114. «Bem sei que tudo é natural» .....                                     | 385 |
| 115. DE LA MUSIQUE.....   | 388 |
| 116. P-HÁ .....   | 389 |
| 117. «Esse é um génio, é o que é novo é □» .....                            | 390 |
| 118. «Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça» .....                | 391 |
| 119. «Passo na noite da rua suburbana,» .....                               | 392 |
| 120. «Hoje que tudo me falta, como se fosse o chão,» .....                  | 395 |
| 121. «Há tantos deuses!» .....  | 397 |
| 122. «Cesário, que consegui» .....  | 398 |
| 123. CARRY NATION .....   | 399 |
| 124. «Chega através do dia de névoa alguma coisa do<br>esquecimento.» ..... | 401 |
| 125. PARAGEM. ZONA .....  | 402 |
| 126. ANIVERSÁRIO .....  | 403 |
| 127. «Estou cansado da inteligência.» .....                                 | 406 |
| 128. DIAGNÓSTICO .....  | 407 |
| 129. BICARBONATO DE SODA .....  | 408 |
| 130. «A repariga inglesa, tão loura, tão jovem, tão boa» .....              | 410 |
| 131. CUL DE LAMPE .....   | 412 |
| 132. «Sim, é claro,» .....  | 415 |
| 133. «Contudo, contudo,» .....  | 416 |
| 134. «Gostava de gostar de gostar.» .....                                   | 418 |
| 135. «Meu pobre amigo, não tenho compaixão que te dar.» .....               | 419 |
| 136. «A vida é para os inconscientes (ó Lydia, Celimène, Daisy)» ..         | 421 |
| 137. «Vendi-me de graça aos casuais do encontro.» .....                     | 422 |
| 138. «Não! Só quero a liberdade!» .....                                     | 423 |
| 139. «A liberdade, sim, a liberdade!» .....                                 | 425 |
| 140. «Grandes são os desertos, e tudo é deserto.» .....                     | 427 |
| 141. «O mesmo <i>Teucro duce et auspice Teucro</i> » .....                  | 430 |



|   |     |
|---|-----|
| 142. TRAPO .....                                    | 431 |
| 143. «Começo a conhecer-me. Não existo.» .....      | 433 |
| 144. «Tenho escrito mais versos que verdade.» ..... | 434 |
| 145. «No fim de tudo dormir.» .....                 | 435 |
| 146. «A plácida face anónima de um morto.» .....    | 436 |

LEI DO DIREITO AUTORAL  
 Todos os direitos reservados e protegidos  
 pela Lei 9.610/98.  
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
 transmitido sejam quais forem os meios  
 empregados: eletrónicos, mecânicos,  
 fotográficos ou quaisquer outros.

O ENGENHEIRO APOSENTADO (1931-1935)

|   |     |
|---|-----|
| 147. «Tenho uma grande constipação,» .....                        | 439 |
| 148. OXFORDSHIRE .....  | 440 |
| 149. «Sim, sou eu, mesmo, tal qual resultei de tudo,» .....       | 441 |
| 150. AH, UM SONETO... ..  | 443 |
| 151. «Meu coração, o almirante errado» .....                      | 444 |
| 152. «Estou escrevendo sonetos regulares» .....                   | 445 |
| 153. «Não fales alto, que isto aqui é vida —» .....               | 446 |
| 154. «Sim, não tenho razão...» .....                              | 447 |
| 155. «É inútil prolongar a conversa de todo este silêncio.» ..... | 448 |
| 156. «Acordo de noite, muito de noite, no silêncio todo.» .....   | 450 |
| 157. NOTAS SOBRE TAVIRA .....                                     | 452 |
| 158. «Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância.» ..   | 454 |
| 159. «Não, não é cansaço...» .....                                | 455 |
| 160. «O horror sórdido do que, a sós consigo,» .....              | 457 |
| 161. «Sucata de alma vendida pelo peso do corpo,» .....           | 458 |
| 162. «A alma humana é porca como um ânus» .....                   | 459 |
| 163. «São poucos os momentos de prazer na vida...» .....          | 461 |
| 164. «Ah, que extraordinário,» .....                              | 463 |
| 165. COSTA DO SOL .....   | 464 |
| I. «Todas as coisas são impressionantes.» .....                   | 464 |
| II. «Deixo, deuses, atrás a dama antiga» .....                    | 464 |
| III. «Somos meninos de uma primavera» .....                       | 465 |

|   |     |
|---|-----|
| 166. «Ah, como outrora, era outra a que eu não tinha!» . . . . .                          | 467 |
| 167. REALIDADE . . . . .  | 468 |
| 168. «Que somos nós? Navios que passam um pelo outro na<br>noite,» . . . . .              | 470 |
| 169. «E o esplendor dos mapas, caminho abstrato para a<br>imaginação concreta,» . . . . . | 471 |
| 170. «Na ampla sala de jantar das tias velhas» . . . . .                                  | 472 |
| 171. «A clareza falsa, rígida, não-lar dos hospitais» . . . . .                           | 473 |
| 172. «Ah o som de abanar o ferro da engomadeira» . . . . .                                | 474 |
| 173. «E o som só dentro do relógio acentuado» . . . . .                                   | 475 |
| 174. «Névoas de todas as recordações juntas» . . . . .                                    | 476 |
| 175. «Que noite serena!» . . . . .  | 477 |
| 176. «Penso em ti no silêncio da noite, quando tudo é nada,» . .                          | 478 |
| 177. «Faze as malas para Parte Nenhuma!» . . . . .  | 479 |
| 178. PSIQUETIPIA . . . . .  | 480 |
| 179. MAGNIFICAT . . . . .   | 482 |
| 180. PECADO ORIGINAL . . . . .  | 483 |
| 181. DACTILOGRAFIA . . . . .  | 485 |
| 182. «Não ter emoções, não ter desejos, não ter vontades,» . . . .                        | 487 |
| 183. «Não será melhor» . . . . .  | 488 |
| 184. «Estou vazio como um poço seco.» . . . . .   | 489 |
| 185. «Puseram-me uma tampa →» . . . . .   | 490 |
| 186. «Lisboa com suas casas» . . . . .  | 491 |
| 187. «Esta velha angústia,» . . . . .   | 493 |
| 188. «Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,» . . . . .                               | 495 |
| 189. «Saí do comboio,» . . . . .  | 497 |
| 190. «Mas eu não tenho problemas; tenho só mistérios.» . . . . .                          | 499 |
| 191. «Meu coração, bandeira içada» . . . . .  | 500 |
| 192. «A música, sim, a música...» . . . . .   | 501 |
| 193. «Começa a haver meia-noite, e a haver sossego,» . . . . .                            | 502 |
| 194. «Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros,» . . . . .                        | 504 |
| 195. «Há tanto tempo que não sou capaz» . . . . .   | 505 |

LEI DO DIREITO AUTÓGRAFO  
 Todos os direitos reservados e protegidos  
 pela Lei 9.610/1998.  
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
 transmitido sem que sejam os meios  
 eletrónicos, mecânicos, fotográficos ou  
 quaisquer outros.

|  |     |
|--|-----|
| 196. «Sem impaciência,» . . . . .  | 506 |
| 197. «– O senhor engenheiro não conhece aquela cantiga?» . . . . .                   | 508 |
| 198. DOBRADA À MODA DO PORTO . . . . .   | 510 |
| 199. VILEGIATURA . . . . .   | 511 |
| 200. «Depus a máscara e vi-me ao espelho...» . . . . .                               | 514 |
| 201. «... Como nos dias de grandes acontecimentos no centro<br>da cidade,» . . . . . | 515 |
| 202. «Depois de não ter dormido,» . . . . .  | 516 |
| 203. «E deito um cigarro meio fumado fora» . . . . .                                 | 518 |
| 204. LÀ-BAS, JE NE SAIS OÙ... . . . .  | 519 |
| 205. «Na véspera de não partir nunca» . . . . .                                      | 521 |
| 206. «O que há em mim é sobretudo cansaço –» . . . . .                               | 523 |
| 207. «Tantos poemas contemporâneos!» . . . . .                                       | 525 |
| 208. «Subiste à glória pela escada abaixo.» . . . .                                  | 527 |
| 209. «Símbolos? Estou farto de símbolos...» . . . . .                                | 528 |
| 210. «Às vezes tenho ideias felizes,» . . . . .                                      | 530 |
| 211. «Ali não havia eletricidade.» . . . . .   | 531 |
| 212. «Não: devagar.» . . . . .   | 532 |
| 213. «Os antigos invocavam as Musas.» . . . .  | 533 |
| 214. «Há mais de meia hora» . . . . .  | 534 |
| 215. «Depois de quando deixei de pensar em depois» . . . . .                         | 535 |
| 216. «Eu, eu mesmo...» . . . . .   | 536 |
| 217. «Não sei se os astros mandam neste mundo,» . . . . .                            | 537 |
| 218. «Ah! Ser indiferente!» . . . . .  | 539 |
| 219. REGRESSO AO LAR . . . . .   | 540 |

POST-SCRIPTUM

|   |     |
|---|-----|
| 220. «Sim, está tudo certo.» . . . . .      | 543 |
| 221. «Estou cansado, é claro,» . . . . .    | 544 |
| 222. «Não estou pensando em nada» . . . . . | 545 |

LEI DO DIREITO AUTORAL  
 Os direitos reservados e protegidos  
 pela Lei 9.610/98.  
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
 transmitido sem que sejam feitos os meios  
 empregados para fins mecânicos, mecânicos,  
 fotográficos ou quaisquer outros.

|  |     |
|--|-----|
| 223. «O sono que desce sobre mim,» . . . . . | 546 |
| 224. «Estou tonto,» . . . . .                | 548 |
| 225. «Todas as cartas de amor são» . . . . . | 550 |

## APÊNDICES

### I. ESBOÇOS

|   |     |
|---|-----|
| 226. ODE MARCIAL . . . . .  | 557 |
| a. «Ave guerra, som da luz e do fogo» . . . . .                                   | 557 |
| b. «O que quer que seja que cria e mantém este mundo,» . . . . .                  | 557 |
| c. «(Campina e trigo, campina,» . . . . .   | 558 |
| d. «Chove fogo – ouro de barulho estruge...» . . . . .                            | 559 |
| 227. SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN . . . . .  | 561 |
| a. «Portugal – Infinito, onze de junho de 1915» . . . . .                         | 561 |
| b. «O pó que fica das velocidades que já se não veem!» . . . . .                  | 563 |
| c. «A minha universalite →» . . . . .   | 563 |
| d. «Com bandas militares à frente, compostas de volantes<br>e hélices,» . . . . . | 564 |
| e. «Cá estamos no píncaro – nós dois,» . . . . .                                  | 564 |
| f. «Para cantar-te,» . . . . .  | 565 |
| g. «Ah, de que serve» . . . . .   | 566 |
| h. «Eu, o ritmista febril» . . . . .  | 566 |
| 228. A PASSAGEM DAS HORAS . . . . .   | 568 |
| A PASSAGEM DAS HORAS – PARTE II . . . . .   | 568 |
| 229. «O bêbado caía de bêbado» . . . . .  | 569 |
| 230. O FUTURO . . . . .   | 570 |
| 231. «Todas as horas faço gaffes de civilidade e etiqueta,» . . . . .             | 571 |
| 232. «Ah, quem me dera ser desempregado!» . . . . .                               | 572 |
| 233. «Onde é que os mortos dormem? Dorme alguém» . . . . .                        | 573 |
| 234. «Saudação a todos quantos querem ser felizes:» . . . . .                     | 574 |
| 235. «Nas minhas veias, por onde corre, numa lava de asco,» . . . . .             | 575 |

LEI DO DIREITO AUTÓGRAFO  
 Todos os direitos reservados e protegidos  
 pela Lei 9.610/1998.  
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou  
 transmitido sejam quais forem os meios  
 empregados: eletrônicos, mecânicos,  
 fotográficos ou quaisquer outros.

## 2. ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA PROBLEMÁTICA

### 2.1. Na fronteira Pessoa-Campos

|   |     |
|---|-----|
| 236. «Há cortejos, pompas, discursos,» .....                      | 579 |
| 237. «Durmo, remoto; sonho, diferente,» .....                     | 580 |
| 238. TRAMWAY .....  | 581 |
| 239. CANÇÃO ABRUPTA .....   | 583 |
| 240. «Os galos cantam e estou bebedíssimo.» .....                 | 584 |
| 241. «O cão que veio do abismo» .....                             | 585 |
| 242. «Estou cheio de tédio, de nada. Em cima da cama» .....       | 586 |
| 243. «O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo.» ..... | 587 |

### 2.2. Na fronteira Fausto-Campos

|   |     |
|---|-----|
| 244. «Se nada houvesse para além da morte,» ..... | 588 |
|---|-----|

### 2.3. Na fronteira Soares-Campos

|   |     |
|---|-----|
| 245. «O Chiado sabe-me a açorda.» ..... | 590 |
|---|-----|

|                    |     |
|--------------------|-----|
| <i>Notas</i> ..... | 591 |
|--------------------|-----|

|  |     |
|--|-----|
| <i>Posfácio: «Campos e a Tradição»</i> ..... | 615 |
|--|-----|

|  |     |
|--|-----|
| <i>Índice dos primeiros versos</i> ..... | 653 |
|--|-----|